

**Profletr@s**  
mestrado profissional



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE/MAMANGUAPE  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS  
DISCIPLINA: LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO  
ORIENTADOR: PROF. DR. CARLOS AUGUSTO DE MELO**

**SANDRA REGINA PEREIRA GONÇALO  
WANDA PATRÍCIA DE SOUSA GAUDÊNCIO**

**LITERATURA INFORMATIVA: O indianismo presente nos textos dos cronistas do  
descobrimento**

**MAMANGUAPE- PB**

**2014**

**SANDRA REGINA PEREIRA GONÇALO  
WANDA PATRÍCIA DE SOUSA GAUDÊNCIO**

**LITERATURA INFORMATIVA: O indianismo presente nos textos dos cronistas do  
descobrimento**

**MAMANGUAPE- PB**

**2014**

## Sumário

1 Resumo.....	03
2 Introdução.....	04
3 Literatura e história.....	06
4 Autores e Obras do Descobrimento.....	09
5 Considerações finais.....	17
6 Abstract.....	18
7 Referências.....	19

# **LITERATURA INFORMATIVA: O indianismo presente nos textos dos cronistas do descobrimento**

**Sandra Regina Pereira Gonçalo**  
**Wanda Patrícia de Sousa Gaudêncio**

## **5 RESUMO:**

Este trabalho trata de refletir sobre a produção literária quinhentista produzida a partir das observações e descrições dos descobridores, historiadores e escrivães a respeito do “achamento” da nova terra, a qual recebeu o nome de Terra de Santa Cruz e posteriormente tornou-se Brasil, bem como destaca aspectos importantes sobre a história, cultura indígena e o Tupi-guarani. Os principais autores também estão sendo estudados e analisados, juntamente com suas obras: Pero Vaz de Caminha, Hans Staden, O Piloto Anônimo, Pero Lopez de Sousa, Pero de Magalhães Gândavo e José de Anchieta. E mesmo existindo outros autores importantes, o artigo detém-se e apenas a esses já citados, o que não acarretará prejuízo para o entendimento do texto, pois aqueles citados são de grande destaque na literatura informativa e suas obras têm um inegável valor histórico-literário. A literatura jesuítica também é refletida por ter revelado artistas como o missionário José de Anchieta, que usava a literatura e a arte cênica como meio de evangelização e catequese dos indígenas.

**Palavras-chave:** Literatura. Informação. Representantes. Indígena.

## 2 Introdução

A realização deste artigo é uma forma, pelo menos eu compreendo assim, de tentar conhecer e fazer conhecer a beleza literária que compõe os escritos quinhentistas do século XVI na abordagem de diversos aspectos do **DESCOBRIMENTO, COLONIZAÇÃO E IDENTIDADE** do povo brasileiro perpassando, é claro, pela relevante historiografia indígena. Sabendo que o fato de terem reconhecidamente valor literário não tira deles o valor documental e sim enfatiza e dá expressividade às informações abordadas nos escritos, como alerta Antonio Candido (1988):

[...] A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1988 p. 175)

O fato de refletir sobre a Literatura Quinhentista no processo de colonização a partir da descrição e narrativa dos cronistas portugueses faz deste trabalho um marco importante na busca do entendimento sobre a verdadeira importância e utilidade dos documentos historiográficos e literários para, não só enriquecer nossa produção artística, mas também nos deixarmos informados sobre dados técnicos, geográficos e históricos da origem do Brasil, inclusive seus primeiros e – exóticos- habitantes.

Para tanto o estudo circundará os textos sob um olhar analítico, observando os benefícios e quem sabe malefícios que possam ter resultado desta vasta produção textual do século XVI. Uma vez que este artigo pretende, intencionalmente, discutir também outros aspectos contidos nas entrelinhas dos depoimentos para tentar entender o que tem pesado mais ao longo dos anos: se a literatura impecável repleta de subjetividade, beleza, fascínio, religiosidade e ideologia ou a técnica e a formalidade histórica. E, por conseguinte, apresentar um ponto de vista fundamentado na análise minuciosa dos escritos dos cronistas, e nos acontecimentos decorrentes desta época de descoberta do Brasil.

A respeito da literatura dos cronistas do descobrimento Luzia Aparecida deixa claro que:

Para percorrer a literatura brasileira ao encontro dessa representação, faz-se necessário o retorno aos textos produzidos pelos cronistas, na literatura de viagem, ou de informação, em que o objetivo fundamental era descrever a visão edênica do novo mundo, impressa no olhar surpreso dos homens guiados pela tradição, que a interpretaram de acordo com suas experiências, somadas à fantasia meticulosa das observações do real. (...) É a partir do descobrimento” da América e, posteriormente, do Brasil que se formou um compósito de histórias, reunindo mitos e visões contraditórias em torno do habitante nativo das terras americanas. (...) (SANTOS, 2009 p.15)

Os textos da literatura de viagem vêm trazer além de afirmações (mesmo que em alguns aspectos fantasiosas), questionamentos a acerca do indígena e sua importância no contexto da formação do acervo literário do Brasil (SANTOS, 2009), pois no universo literário dos textos de informação e até mesmo na literatura posterior a este período inicial, a figura do índio foi evidenciada e exaltada como herói. A exemplo disso, temos a poesia e romances de Gonçalves Dias, José de Alencar, José de Anchieta entre outros.

### 3 Literatura e história

*O que então viram, nossos*

*Olhos nunca voltarão a ver.*

(Claude Lévi-Strauss)

Pensar em Literatura Informativa, é pensar em algo que, mesmo com princípios e responsabilidades técnico-documentais, acaba por constituir um vasto domínio literário e artístico, já que a eloquência e os recursos estilísticos nela contidos a diferem dos relatórios convencionais. É possível, portanto, fazer uma inversão lógica da famosa frase: “A Arte imita a vida” para, nesse caso, entendermos em consonância a Oscar Wilde (dramaturgo inglês autor de vários clássicos da literatura britânica, entre elas: “*O Leque de Lady Windermere*”) que, “A vida imitou a Arte”; e o fez bem, a ponto de a literatura de informação fazer transparecer em si, aspectos como: o histórico x o artístico; o real x o imaginativo. O histórico, fruto irrefutável do relato e registro sóbrios do que fora-achado-, que com certeza representou um marco para os descobridores e navegantes (testemunhas oculares dos acontecimentos da época); e que representa para nós um TESOURO CULTURAL extremante valioso, sendo ainda um arquivo magnífico que explica bastante sobre nossa origem.

Diversos viajantes europeus que aqui estiveram, no século XVI, registraram no papel suas observações sobre a terra. Fizeram-no por obrigação profissional ou motivos pessoais. Seus textos são basicamente depoimentos e relatos de viagem, com a finalidade de apresentar aos compatriotas um panorama do Novo Mundo. Sob a forma de cartas, diários, tratados ou crônicas, esses textos informativos foram escritos principalmente por portugueses.

(OLIVIERI; VILLA, 1999, p. 07)

O artístico, por sua vez é reflexo de mentes brilhantes que não se conformaram em apenas elaborar textos científicos, mas deixaram que aflorasse deles mesmos todo deslumbramento e admiração pela nova terra e seus habitantes, de costumes tão exóticos quanto sua língua, como é o caso de Pero Vaz de Caminha, o qual se encheu de estilo e expressividade para descrever a viagem, a terra e os índios.

As águas são muito infindas. E em tal maneira é grandiosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem [...]. ‘A feição deles era parda, algo avermelhada; de bons rostos e bons narizes. Em geral são bem-feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostram o rosto [...]. (CAMINHA, 1500)

É possível mergulhar no Brasil do século XVI por causa da certeza de que temos do real que se configurou nas obras, nos diários, nas cartas, até com pontos abordados que nos causam por vezes repulsa e revolta, já que à medida que lemos os documentos surge inconscientemente um sentimento de impotência e culpa pelo destino e os rumos que tomaram a cultura, e o socioeconômico da nossa nação, corrompendo de certa forma nossa verdadeira identidade nacional.

A historiografia dos textos é tão contundente que a Carta de Pero Vaz de Caminha sendo o primeiro documento oficial escrito e endereçado ao Rei de Portugal, D. Manuel I, em abril de 1500, foi considerado “A Certidão de nascimento do Brasil” tal é a sua credibilidade e coerência cronológica. Em Face disso, seria ilógico pensar o contrário deste acervo da era colonial, mesmo que haja pontos obscuros ou contraditórios, especialmente no tocante a missão jesuítica e a religiosidade que por vezes configura-se como um ato de heroísmo em prol da proteção e salvação dos indígenas- especialmente no que se refere à interpretação dada pelos próprios descobridores e religiosos- e outras vezes é interpretada como uma mera forma de dominação, domesticação e aculturação dos indígenas de modo cruel e desumano, sem preocupação moral ou intelectual de preservação da cultura, crenças e língua dos índios como observa Wilson Martins no livro história da inteligência brasileira:

Quaisquer que sejam os méritos especificamente pedagógicos do ensino jesuítico, não há como negar que era mentalmente conservador, reacionário com relação às orientações reformistas da época e anticientífico; estruturalmente, estava condenado por antecipação antes a imobilizar do que a promover o desenvolvimento intelectual do Brasil (simples prolongamento do que então ocorria em Portugal). [...] Além disso, é preciso notar que o latim era, no caso, não um instrumento de cultura intelectual, mas um instrumento indireto de catequese, destinando-se, como se destinava, à formação de missionários. É preciso aceitar a idéia de que a catequese, não a instrução, era o único propósito dos jesuítas e a própria razão de ser das suas atividades. Não vai nessa observação censura alguma, mas apenas o desejo de ver claro num processo que os historiadores têm



geralmente desfigurado através de interpretações superficiais. A conquista espiritual do Brasil pelos jesuítas foi, no século XVI, um prolongamento da ideologia medieval; ninguém poderia simbolizá-la melhor, nas perspectivas da história intelectual, do que José de Anchieta.(MARTINS, 1976, p. 22)

O aspecto imaginativo também tem seu lugar claro nos escritos do século XVI, já que os escritores viam a nova terra como uma jazida infinita de riquezas naturais e minerais, e usavam “sua pena” para enfatizar essa ideia, chegando a comparar o território recém-encontrado ao PARAÍSO TÉRREO, incluindo seus habitantes, os índios, descritos em vários textos com um tom característico de subjetividade e considerações idealizadoras. Outras marcas são os artifícios estéticos que denotam zelo pelos padrões linguísticos cultuados na época pelos portugueses e seus literatos, que o escrivão Pero Vaz de Caminha utilizou muito bem, especialmente ao dirigir-se diretamente ao rei D. Manuel I, o que conferiu a seus escritos elegância linguística e erudição.

É preciso concordar que as narrativas por vezes chegam a igualar-se a qualquer bom livro de ficção, já que apresentam também descrições fantasiosas e relatos de aventuras vividas e protagonizadas muitas vezes pelos próprios escrivães como é o caso de Hans Staden que relata em seu livro intitulado “Duas viagens ao Brasil” os perigos que enfrentou quando foi aprisionado pelos Tupinambás, em que durante quase seis lutou, rezou e usou de seus conhecimentos e crenças para escapar do ritual antropofágico no qual ele seria o alimento principal.

Por fim, estilo, criatividade e história fundem-se numa harmonia e equilíbrio tão bem distribuído que deu à literatura informativa o mérito incomum e indelével de ser ao mesmo tempo arquivo histórico, patrimônio linguístico-cultural e acervo poético. Assim como refletem OLIVIERI e VILLA, (1999):

Assim, as qualidades estilísticas se unem à criatividade e às manifestações de emoção dos autores, modificando o caráter informativo/utilitário dos textos do século XVI e neles revelando valores artísticos e literários. Esses valores são reforçados na medida em que os textos apresentam particularmente o deslumbramento e o entusiasmo do europeu diante da natureza exuberante dos Trópicos. (OLIVIERI E VILLA, 1999).

Sendo estes textos também reflexos da afeição pela nova terra que os descobridores desenvolveram ao longo do reconhecimento do território e suas belezas naturais.

#### 4 Autores e obras do descobrimento

*Peço ao leitor queira considerar o que  
Escrevo. Dou-me a este trabalho não  
Pelo prazer de escrever alguma coisa  
Nova, mas exclusivamente para trazer  
À luz os benefícios que Deus me prestou!*  
(Hans Staden)

##### 4.1. PERO VAZ DE CAMINHA – Escrivão da Certidão de nascimento da nova terra

O escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, o qual entrou para a história por ter escrito a magnífica Carta do Achamento do Brasil. Pero Vaz de Caminha era dotado de grande prestígio na corte portuguesa e chegou a participar de outros cargos, inclusive o de vereador na cidade do Porto (que reclama sua natalidade) onde redigiu os capítulos da câmara. Enquanto escrivão da frota de Cabral, Caminha escreveu uma belíssima Carta, diga-se de passagem, onde descreveu com muita expressividade e estilo os acontecimentos que sucederam a partida de Portugal até a descoberta da Costa brasileira. Tendo sido escrita do período de 26 de abril a 1º de maio de 1500.

[...] A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi, segunda-feira, 9 de março. Sábado, dia 14 do dito mês, entre as nove horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã Canária [...] E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram vinte e um dias de abril, estando da dita ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho [...] Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs o nome- o Monte Pascoal e à terra- a Terra de Vera Cruz. (CAMINHA, 1500)

Ao relatar, ao rei de Portugal, o descobrimento, Caminha descreve, deslumbrado, não só a terra encontrada, mas também seus habitantes, registrando as emoções do primeiro contato com os índios: sua língua, seus hábitos, seus trajes e sua inocência quanto às formalidades comportamentais da corte portuguesa.

A carta apresenta uma linguagem objetiva e clara com a sucessão dos fatos cronologicamente organizada desde que se inicia a viagem até a saída do Brasil, quando foram em busca das índias, o que é típico de um texto de relatório comum, porém a beleza estética e a linguística que compuseram o documento acabou por dar um valor estilístico a ele, já que o escrivão da frota de Cabral não se limitou a ser um mero relator das imagens, mas utilizou toda sua criatividade e elegância linguística para dar expressividade aos seus escritos, como reflete Castelo (1965):

A primeira expressão do deslumbramento e ao mesmo tempo dos equívocos e intenções do colonizador português, através de uma linguagem fluente e poética, com certo senso de humor, embora um tanto grave, de mistura com um ou outro trocadilho malicioso. É o ponto de partida da exaltação e valorização da terra aos olhos do colonizador, a quem são apontadas suas vantagens e possíveis riquezas, ao mesmo tempo que se pretende colocar em primeiro plano o ideal português da propagação do cristandade, o que encontraria um campo aberto no elemento indígena. (CASTELO, 1965)

#### **4.2. HANS STADEN – Intensa aventura nos trópicos**

*“Ayú chebe enê remiurama”*

O grande aventureiro Hans Staden, alemão, nascido em Hessen, chegou a realizar duas viagens ao Brasil, sendo a primeira em 1547 e a segunda em 1550, tendo, nesta última, vindo junto à frota de Diogo de Sanábria, espanhol que alimentava planos de fundar povoados na colônia. (OLIVIERI E VILLA, 1999,83).

O livro intitulado “duas Viagens ao Brasil”, e que originalmente foi intitulado de “história verídica”(Wilma Mendonça) escrito por Staden, traz uma narrativa emocionante e bem humorada de suas aventuras desde o momento que foi capturado pelos Tupinambá até a sua libertação.

Segundo Wilma Mendonça a maior preocupação de Staden era a credibilidade de seu livro, já que era comum, na época, narrativas surreais repletas de elementos fantasiosos, os quais obscureciam os textos e retiravam sua veracidade.

Porém havia nesta obra um grande diferencial a ser considerado: - a experiência vivida e o contato real com o ambiente onde tudo aconteceu. Isso proporcionou a oportunidade de dividir sua narrativa em duas partes: - A sua chegada ao Brasil e a prisão pelos Tupinambás; e a descrição dos costumes dos nativos, seu modo de vida e detalhes sobre o ritual antropofágico.

Quando trazem para casa os seus inimigos, as mulheres e as crianças os esbofeteiam. Enfeitam-nos depois com penas pardas; cortam-lhes as sobrancelhas; dançam em roda deles, amarrando-os bem, para que não fujam. Dão-lhes uma mulher para os guardar e também para ter relações com eles. Se ela concebe, educam a criança até ficar grande; e depois quando melhor lhes parece, matam-na a esta e a devoram. Fornecem aos prisioneiros boa comida; tratam assim deles por algum tempo, e ao começarem os preparativos, fabricam muitos potes especiais, nos quais põem todo o necessário para pintá-los; ajuntam feixes de penas que amarram no bastão com o que hão de matar (...). Reunidos todos os convidados, o chefe da cabana lhes dá boas-vindas e lhes diz: 'Vinde ajudar agora a comer o vosso inimigo.' Dias antes de começarem a beber, amarram a muçurana ao pescoço do prisioneiro. No mesmo dia, pintam e enfeitam o bastão chamado **ibirapema** com que o matam (...) (STADEN, VIAGEM AO BRASIL, CAPITULO XXVIII).

#### **4.3. PILOTO ANÔNIMO – A história em outra versão**

O Piloto Anônimo faz uma narrativa sóbria sobre a viagem de Pedro Álvares Cabral, ora reafirmando ora contradizendo dados e informações contidas na Carta de Caminha, começando pela data do descobrimento do Brasil que segundo ele foi em 25 de abril e não em 21 do mesmo mês. Havendo ainda outras controvérsias interessantes como: o local da celebração da primeira Missa, que conforme o Piloto Anônimo foi na praia e não em um ilhéu, e especialmente o relato do abandono de dois degredados portugueses, os quais foram deixados aos prantos e dramaticamente pelas naus junto aos índios que buscavam 11les11tência-los.

Nos dias que aqui estivemos determinou Pedro Álvares fazer saber ao nosso Sereníssimo Rei o descobrimento desta terra, e

deixar nela dois homens condenados à morte, que trazíamos na armada para este efeito; e assim despachou um navio que vinha em nossa conserva carregado de mantimentos, além dos doze sobretidos, o qual trouxe a El-rei as cartas em que se continha tudo quanto tínhamos visto e descoberto. Despachado o navio, saiu o capitão em terra, mandou fazer uma cruz de madeira muito grande e a plantou na praia, deixando, como já disse, os dois degredados neste mesmo lugar, os quais começaram a chorar, e foram animados pelos naturais do país, que mostravam ter piedade deles. (PILOTO ANÔNIMO, RELAÇÃO DA VIAGEM DE PEDRO ALVARES CABRAL, CAPÍTULO III).

Outro fato que nos chama atenção e aguça os sentidos é o anonimato que o Piloto Anônimo fez questão de conservar através deste pseudônimo que o intitulou e de qualquer forma lhe garantiu um lugar nobre entre os maiores cronistas do século XVI. Algo o impediu de uma exposição mais contundente, e isso se torna intrigante, pois ao ler seus relatos também nos interessamos em saber – quem ele era realmente? Por que se camuflou? Teria ele medo de represália? Essas respostas são turvas, confusas e enigmáticas o que de qualquer forma ajudou a dar mais relevância a história.

#### **4.4. PERO LOPES DE SOUSA – A terra, sua conquista e posse**

No ano de 1530, Pero Lopes de Sousa chega ao Brasil acompanhado do seu irmão mais jovem que ele, Martim Afonso de Sousa, os quais receberam a incumbência de proteger a costa e estabelecer limites nas terras que, por conta da conquista pertenciam a Portugal. Tendo recebido de D. João III três lotes de terra: Paranaguá, São Vicente e Juquiriquerê. (OLIVIERI e VILLA, 1999, p. 35).

Seu texto é dotado de conteúdo técnico com uma linguagem direta e seca extremamente objetiva, o que tornou o livro alvo de contestação por parte de críticos literários com relação ao valor literário da obra. Com o título de “Diário de Navegação” o livro trás a sucessão dos fatos por ordem cronológica como se pode comprovar neste trecho:

[...] Quarta-feira 23 do mês fazia-me de terra 10 léguas; e meio-dia carregou muito o vento sueste, com mui grão mar; por não podermos ir de ló amainamos as velas e lançamos as naus de mar em través.

Quinta-feira 24 dias do dito mês não podemos sofrer o mar, que era mui feio; e arribamos com assaz fortuna: e corremos este dia

todo árvore seca, pelo rumo do noroeste; e ao pôr-do-sol vimos terra, e conhecemos a boca do rio de Tinaréa da banda do sul [...]

Sexta-feira pela manhã nós fizemos à vela; era tão grosso que íamos à popa com todas as velas, e não o podíamos romper. [...] (DIÁRIO DE NAVEGAÇÃO, PERO LOPEZ DE SOUZA, 1532).

Não há nos escritos de Pero Lopes de Sousa subjetividade, nem adornos linguísticos, a não ser, algumas observações mais entusiasmadas a respeito das índias, com relação à beleza e porte físico; também sobre os perigos do mar e sobre seu encantamento às margens do Rio Prata. Uma narrativa que pode até ser considerada monótona e entediante, mas que certamente tem sua relevância informativa e seu poder evocativo o coloca entre os textos com inspiração literária, ainda que com traços renascentistas.

#### **4.5. PERO DE MAGALHÃES GANDAVO – Um grande historiador**

*Tem claro estilo e engenho curioso*

*Para poder de vós ser recebido, com*

*Com mão benigna de ânimo amoroso.*

(Luís de Camões)

Autor de “História da Província de Santa Cruz”, em 1576 e amigo de Luís Vaz de Camões, foi nosso primeiro historiador, já que escreveu um livro falando exclusivamente sobre o Brasil, tendo com suas descrições entusiasmadas sobre as cidades, as casas- que segundo ele- eram tão confortáveis como as de Portugal, e as terras as quais também segundo suas observações todos ou quase todos tinham como forma de doação ou “sesmaria” a costume da época, de certa forma incentivando a migração para o Brasil. “*Tem suas terras de sesmaria dadas e repartidas pelos capitães e governadores da terra [...] nenhum pobre anda pelas portas a mendigar como nestes reinos*”. (GANDAVO, 1576) Foi um propagandista da nova terra o qual teve o cuidado de descrever com detalhes cada uma das capitanias hereditárias: criação e funcionamento.

O que se pode também destacar da narrativa de Gandavo é a forma como descreveu os indígenas, ou seja, ele adere ao pensamento de Colombo e reforça-o,

construindo um conceito massificador, o mesmo que fez Colombo nomear a todos os habitantes das costas americanas de índios- “por trágico engano”, já que se pensava ter chegado às Índias; e não demorou muito até que todos os povos nativos das Américas do sul e central estivessem unificados teoricamente pelos descobridores, como um só povo: sem cultura, selvagem e primário. E esta idéia equivocada está presente de forma explícita no relato de GANDAVO (1980, p 52), quando ele traça um juízo de valor a respeito da língua e os costumes dos povos que ele chama de “gentios”.

A língua deste gentio toda pela Costa he, huma: carece de três letras-sciliet, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não tem fé, nem lei, nem rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente (...) não há como digo entre 14les nenhum rei, nem justiça, somente em cada aldeã tem hum principal que he como capitão, no qual obedecem por vontade e não por força (...) não seve doutra cousa se não de ir com 14les à guerra, e aconselha-los como se hão de haver na peleja, mas não castiga seus erros nem manda sobreles cousa alguma contra sua vontade. (GANDAVO, 1980).

É possível se perceber nos escritos de GANDAVO, assim como de alguns outros cronistas um forte indício de visão unilateral dos fatos e um discreto ar de “quem não está conosco está contra nós”, estando movido, estes e aquele, por um sentimento tão amplo de liberdade de expressão e de conquista, que quiseram submeter a si qualquer outro semelhante que diferisse de sua cultura.

#### **4.6. LITERATURA JESUÍTICA – A catequese de Pe. José de Anchieta**

*O Brasil que, sem justiça andava mais cego  
E torto, vós o metereis no porto se lançar de  
Si a cobiça que de vivo o torna morto.*

(José de Anchieta)

É preciso retomar o pensamento anterior de que os viajantes e seus diários, relatórios e cartas não tinham caráter intencionalmente literário, mas histórico-

geográfico. Enquanto que a literatura jesuíta foi uma consequência de ações e fatos religiosos, como, por exemplo, a contrarreforma que buscava sufocar a reforma protestante, gerando uma preocupação intensiva com a catequese, e isso sim foi crucial para a produção literária dos jesuítas e especialmente José de Anchieta, através da poesia dogmática, as peças teatrais inspiradas em textos bíblicos e ainda as cartas que tinham o intuito de informar as condições da missão no Brasil, aos superiores na Europa.

É inegável que a perfeição, no ponto de vista estético, da literatura dos jesuítas fez desta a mais expressiva e relevante produção literária do Quinhentismo.

Pode-se dizer que outro grande diferencial está no princípio teocêntrico, na métrica bem trabalhada, o que deu a literatura um verdadeiro tom poético, místico e por vezes fantástico. Além de conferir a ela uma tendência medievalista, especialmente pela temática religiosa, a métrica e a musicalidade, assim como afirma o crítico Eduardo Portella.

Mas acredito que, em certo sentido, Anchieta deve ser entendido como uma manifestação da cultura medieval no Brasil. E medieval não somente pelo seu comportamento, ao realizar uma poesia simples, de timbre didático, porém medieval também pela sua forma poética, seus ritmos, sua métrica. (NICOLA, 1993,34)

#### **4.7. JOSÉ DE ANCHIETA – O “Grande piahy”**

Padre José de Anchieta intitulado pelos índios de “O Grande Piahy” “supremo pajé branco” (*Literatura Jesuíta, 2014*) foi o autor da primeira gramática da Língua Tupi-guarani, em 1595 chamada “Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil”, apesar de pertencer a geração de escritores do século XVI, distancia-se, especialmente, pelo tom artístico de suas obras que além de relatórios, também se estende aos poemas e ao teatro, modalidades estas nas quais ele mesclava temáticas que abordavam aspectos religiosos da Igreja Católica e os costumes indígenas, sendo as peças teatrais prioritariamente voltadas para ideias antagônicas como o Bem e o Mal, o Anjo e o Diabo, Céu e Inferno entre outros. Da sua literatura podemos destacar na prosa a carta de 1º de junho de 1560 que tinha um objetivo informativo semelhante aos textos dos cronistas da literatura quinhentista; e na poesia: A Santa Inês e Baeta Virgine Dei



Matre Maria que são os poemas mais relevantes da sua poética, vejamos um fragmento de *A Santa Inês*:

I  
Cordeirinha linda,  
Como folga o povo  
Porque vossa vinda  
Lhe dá lume novo!  
Cordeirinha santa,  
De Iesu querida,  
Vossa santa vinda  
O diabo espanta. [...]  
(ANCHIETA, 1560)

A poesia de Anchieta tem uma forte influência medieval. Seu lirismo assemelha-se aos artistas portugueses e notoriamente sua simplicidade artística faz-nos perceber que seu intuito é, antes de tudo, transmitir sua fé, sua doutrina, sua ideologia, usando como recurso didático a arte. Assim o define o crítico Alfredo Bosi (*Cronistas do Descobrimento*, 1999, 92):

É Anchieta poeta dramaturgo que interessa ao estudioso da incipiente literatura colonial. E se os seus autos são definitivamente pastorais (no sentido eclesial da palavra), destinados à edificação do índio e do branco em certas cerimônias litúrgicas [...], o mesmo não ocorre com seus poemas que valem em si mesmos como estruturas literárias. (CRONISTAS DO DESCOBRIMENTO, 1999, 92)

## 5 Considerações finais

Pode-se dizer que o resultado obtido com esse artigo foi relevante na medida em que o estudo circundou o âmbito da análise dos textos escritos por alguns dos principais cronistas do século XVI. O Estudo da literatura quinhentista não foi por acaso e sim fruto de um interesse verdadeiro pela magnífica produção textual realizada na época colonial especialmente no que diz respeito à descrição do índio. E já é possível afirmar que eles (os descobridores) enquanto desbravavam a terra com entusiasmo e força, também tinham uma preocupação intelectual em não deixar nenhum acontecimento passar despercebido e sem o devido registro de suas eloquentes “(penas)”.

Por meio de pesquisas, leituras e estudos aprofundados de livros e textos que abordam o tema da literatura quinhentista, inclusive com uma análise de diferentes aspectos refletidos por eles, buscando com ênfase as descrições sobre hábitos, cultura e aspectos históricos do povo indígena, foi possível ampliar o conhecimento que até então se mostrava superficial quanto ao que realmente representou a produção literária em termo de relevância cultural, histórica e social para início da construção da nossa identidade nacional com o passar dos séculos e décadas, tendo em vista o protagonismo inegável do indígena tanto nas produções dos cronistas como na formação da nação brasileira.

# **INFORMATIVE LITERATURE: This Indianism in the texts of the chroniclers of Discovery**

**Sandra Regina Pereira Gonçalo  
Wanda Patrícia de Sousa Gaudêncio**

## **6 ABSTRACT:**

This work comes to reflect on the sixteenth-century literary production produced from observations and descriptions of explorers, historians and scribes of the Discovery about the new earth, which was named Terra de Santa Cruz and later became Brazil, as well as highlights important aspects of the history, culture and the indigenous Tupi-Guarani. The principal authors are also being studied and analyzed, along with their works: Pero Vaz de Caminha, Hans Staden, The Pilot Anonymous, Pero Lopez de Sousa, Pero de Magalhães Gandavo and José de Anchieta. And even though there are other important authors, the article is arrested and only to those already mentioned, which will not cause injury to the understanding of the text, because those names are very prominent in informative literature and his works have an undeniable historical and literary value . The Jesuit literature is also reflected by having artists revealed as the missionary José de Anchieta, he used literature and performing art as a means of evangelization and catechesis of the natives.

Keywords: Literature. Information. Representatives. Indigenous.

## 7 Referências

ABNT NBR-6023/2002 – Referências. Disponível em <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/pdf/abntnabr6023.pdf> Acesso em 06 de julho de 2014

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**: vários escritos, duas cidades, ouro sobre azul. Texto 01, 1988. <file:///C:/Users/rcinfor/Downloads/candido-antonio-o-direito-a-literatura-in-varios-escritos.pdf>

MENDONÇA, Wilma. **Literatura e história**: os caminhos da memória. Memória de nós: o discurso possível e o silêncio dos Tupinambás nos relatos de viagem do século XVI, UFPE, 2002.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio. **Cronistas do descobrimento**. São Paulo: Ática. 1999.

OSCAR WILDE. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u528.jhtm> Acesso em: 25 de junho de 2014.

SANTOS, LAO. O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 447 p. ISBN 978-85-7983-020-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

Só Literatura – Literatura Jesuítica, 2014  
<http://www.soliteratura.com.br/quinhentismo/quinhentismo02.php>. Acesso em 23 de Junho de 2014

STADEN, HANS. **Duas Viagens ao Brasil Hans Staden.pdf** - Minhateca.com.br Arquivo Duas Viagens ao Brasil Hans Staden.pdf Na conta do usuário phzuniga • Adicionado a: 10 jan 2014. [minhateca.com.br/.../Duas+Viagens+ao+Brasil+-+Hans+Staden,1211136...](http://minhateca.com.br/.../Duas+Viagens+ao+Brasil+-+Hans+Staden,1211136...) Acesso 25 de junho de 2014 às 14h 20min.